

# Experimento sobre preconceito racial: efeitos do contato, tomada de perspectiva e empatia

Experimento sobre prejuicio racial: efectos del contacto, toma de perspectiva y empatía  
Experiment on racial prejudice: effects of contact, perspective taking and empathy



André Verzoni  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4176-8553>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Carolina Lisboa  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2199-9824>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Recepção: 02 Dezembro 2021  
Aprovação: 12 Dezembro 2022

## Resumo

Preconceito é um fenômeno psicológico, cognitivo e social no qual ocorre uma atribuição ou julgamento negativo direcionado a um outro indivíduo cuja motivação é o seu pertencimento a um grupo social específico. Este artigo apresenta um experimento que tem como objetivo investigar as relações entre racismo implícito, tomada de perspectiva, empatia e contato. Os participantes (40) escreveram um ensaio narrativo sobre um dia na vida de um homem negro e jovem retratado em uma fotografia. Metade da amostra recebeu instruções baseadas na tomada de perspectiva-outro e a outra metade recebeu instruções para se manter objetivo e neutro. Todos os participantes responderam o Teste de Associação Implícita (TAI) sobre racismo. Os resultados do TAI apontaram neutralidade em relação ao racismo implícito na amostra pesquisada. A análise dos ensaios revelou a ausência de estereótipos negativos, presença de conteúdos que fazem parte da vida dos próprios participantes.

**Palavras-chave:** preconceito racial, racismo, hipótese do contato, tomada de perspectiva, empatia.

## Resumen

Prejuicio es un fenómeno psicológico, cognitivo y social en el que hay una asignación o juicio negativo dirigido a otro individuo cuya motivación es su pertenencia a un determinado grupo social. Este artículo presenta un experimento que tiene como objetivo investigar la relación entre racismo implícito, toma de perspectiva, empatía y contacto. Participantes (40) escribieron un ensayo narrativo sobre un día en la vida de un hombre negro y joven retratado en una fotografía. La mitad de la muestra recibió instrucciones basadas en la toma de perspectiva-otro y la otra mitad recibió instrucciones para mantenerse objetivo y neutro. Todos los participantes respondieron el Test de Asociación implícita (TAI) sobre el racismo. Los resultados del TAI mostraron neutralidad en relación al racismo implícito en la muestra estudiada. El análisis de los ensayos reveló la ausencia de estereotipos negativos, presencia de contenidos que forman parte de la vida de los propios participantes.

**Palabras clave:** preconceito racial, racismo, hipótesis del contacto, toma de perspectiva, empatía, racial prejudice, racism, contact hypothesis, perspective taking, empathy.

## Introducción

O preconceito pode ser definido, de uma forma bastante ampla, e em concordância com as definições de Allport (1954/1979) e Brown (1950/2010), como um fenômeno no qual ocorre uma atribuição ou julgamento negativo direcionado a um outro indivíduo cuja motivação é o seu pertencimento a um grupo social específico (Voci & Pagotto, 2014). Entretanto, por envolver fatores sociais, políticos e culturais, o preconceito apresenta constantemente variações que produzem novas dificuldades teóricas e de mensuração aos seus pesquisadores (Brown, 1950/2010; Devine, Plant, & Blair, 2003). A definição de Allport (1954/1979) sobre preconceito permanece relevante e adequada ao contexto contemporâneo. Entretanto, a descrição do preconceito enquanto antipatia ou uma predisposição desfavorável, falsa

e inflexível deve ser melhor explorada no contexto da atualidade. Ou seja, o conceito de preconceito pode ser revisado quando se retira ou se confere menor importância ao seu caráter patológico e, em seu lugar, é realçada a sua condição de processo cognitivo que faz parte do funcionamento normativo da mente humana. Entretanto, essa condição específica revela dificuldades adicionais às tentativas de diminuir ou eliminar o preconceito presente nas relações sociais, uma vez que não se constitui em uma característica que possa ser removida ou combatida diretamente (Brown, 1950/2010; Devine et al., 2003; Dovidio, Glick, & Rudman, 2005; Voci & Pagotto, 2014).

O preconceito pressupõe a adoção de categorias mentais que podem se sobrepor a qualquer indivíduo que pertença a um grupo, circunstância que ignora e descarta a singularidade e especificidade da pessoa (Brown, 1950/2010). A categorização é uma operação mental e normativa na qual o indivíduo busca uma simplificação da realidade que o cerca. Elaborar categorias é simultaneamente uma necessidade e uma habilidade (Brown, 1950/2010; Dovidio et al., 2010) e constitui um processo que se faz presente no desenvolvimento humano e se intensifica durante a adolescência (Desouza, Rodríguez, & Antoni, 2014).

Em relação ao preconceito, a categorização age como um balizador que afeta as percepções dos indivíduos em relação a pessoas que pertencem a grupos específicos e fomenta a criação e uso de estereótipos. O viés cognitivo, enquanto processo que salienta ou omite características individuais ou contextuais no nível da percepção e memória, serve de apoio para a formação e consolidação das categorias que, por sua vez, podem agir de forma consciente ou não consciente (Brown, 1950/2010). Considerando esse cenário, os estudos que abordam as relações entre categorização enquanto

elemento normativo do desenvolvimento e do preconceito tornam-se cientificamente relevantes (Brown, 1950/2010; Devine et al., 2003; Dovidio et al., 2010; Voci & Pagotto, 2014), uma vez que ajudam a compreender aspectos involuntários ou não conscientes de diversas manifestações preconceituosas atuais (Lima, Pinheiro, Ávila, Lima, & Vala, 2006; Lima & Vala, 2004; Camino, Silva, Machado, & Pereira, 2001), como racismo moderno (McConahay, 1986; McConahay, Hardee, & Batts, 1981) e racismo aversivo (Pearson, Dovidio, & Gaertner, 2009).

### ***Visão geral sobre o estudo***

No estudo apresentado nesse artigo buscou-se, a partir da replicação de um experimento realizado por Todd, Bodenhausen, Richeson e Galinsky (2011), investigar o preconceito racial implícito, uma manifestação específica do preconceito, em suas relações com contato, empatia, tomada de perspectiva e estereótipos. De acordo com a revisão sistemática de Sacco, Couto e Koller (2016) sobre preconceito racial no contexto da Psicologia brasileira, há uma escassez de estudos sobre o tema e que utilizem medidas implícitas. Do ponto de vista social, essa lacuna científica é especialmente significativa se considerarmos as consequências mais amplas do preconceito racial para a população brasileira, sobretudo para os jovens que se encontram em condição de vulnerabilidade social (Brasil, 2015; Verzoni & Lisboa, 2017). É válido ressaltar que diversos estudos anteriores (Batson, et al., 1997; Burke et al., 2015; Brown, 1950/2010; Galinsky, & Moskowitz, 2000; Shih, Wang, Trahan Bucher, & Stotzer, 2009; Oh, Bailenson, Weisz, & Zaki, 2016; Todd et al., 2011; Visintin, Voci, Pagotto, & Hewstone, 2017) demonstraram que a empatia e a tomada de perspectiva são importantes mediadores capazes de atuar no sentido de reduzir o preconceito racial.

### ***Racismo aversivo e racismo moderno***

O preconceito, em suas manifestações modernas, gera ambivalência, pensamentos e emoções mistas, ao contrário da negatividade clara e fixa que o caracterizou em outros períodos históricos. Nesse sentido, no contexto moderno do racismo, as pessoas brancas vivenciam um conflito entre duas forças internas quando interagem com pessoas negras. Um dos vetores favorece relações livres do preconceito, enquanto que o outro tende a produzir respostas caracterizadas pelo preconceito. Uma vez que existem normas sociais que buscam o enfraquecimento ou até mesmo o fim do preconceito, as suas manifestações se tornam cada vez mais complexas e sutis (Devine et al., 2003; Lima & Vala, 2004; Pearson, et al., 2009; Plant & Devine, 1998).

No Estados Unidos, a partir da década de 1970, pesquisadores perceberam que havia se tornado cada vez mais difícil identificar de forma clara o preconceito racial de brancos em relação aos negros. É evidente que esta peculiaridade não assinalou a extinção do racismo ou a sua diminuição. Essa nova condição foi interpretada como uma modificação das manifestações de preconceito racial, que passou a assumir formas mais indiretas. Ainda que atualmente, em alguns lugares ou contextos, façam-se presentes demonstrações racistas claras, propositais, explícitas e que muitas vezes são apoiadas por instituições ou até mesmo governos ou autoridades, é razoável supor que a maior parte das pessoas não concorde com a externalização de ideias preconceituosas e as considere desprezíveis (Voci & Pagotto, 2014). Foi nesse contexto da realidade americana que emergiu o conceito de racismo moderno (McConahay, 1986; McConahay et al., 1981). O racismo moderno, enquanto manifestação do preconceito, emerge como um conjunto de crenças sobre pessoas negras e sua inserção

social. Essas crenças sustentam-se em ideias que postulam que o racismo deixou de existir na sociedade, que as pessoas negras deveriam se esforçar mais para melhorarem a sua condição e que estariam recebendo assistência ou atenção excessivas. O conceito de racismo simbólico (Sears & Henry, 2005, 2003; Kinder & Sears, 1981) serviu como base teórica para a elaboração do racismo moderno (Henry, 2010) que, por sua vez, está relacionado ao conceito de racismo aversivo (Pearson et al., 2009). Ambos os conceitos têm em comum, principalmente, a ideia de que as manifestações de racismo sofreram modificações com o passar dos anos. Entretanto, ainda que tenham ocorrido transformações, as formas de expressão mais atuais conservam características preconceituosas e discriminatórias (Dovidio & Gaertner, 2004). Considerando os prejuízos que o preconceito e o racismo trazem para a sociedade (Devine et al., 2003; Schucman, 2010), uma das principais formas de promover a diversidade e o convívio saudável com as diferenças reside na hipótese do contato (Allport, 1954/1979; Brown, 1950/2010).

### **Hipótese do contato**

O preconceito é um fenômeno social presente no cotidiano, é extremamente abrangente e se infiltra em diferentes contextos. Essa disseminação do preconceito se deve sobretudo às limitações cognitivas dos seres humanos e fatores que fazem parte das emoções, cognições e comportamentos resultantes da inclusão de um indivíduo em determinado grupo. Apesar da força, difusão e da influência do preconceito em aspectos fundamentais dos indivíduos, existem formas de se combater e de se reduzir este processo e seus malefícios a partir de intervenções sociais. Entre estas ações, a hipótese do contato (Allport, 1954/1979) ocupa um lugar central. A hipótese do contato é uma das

mais relevantes e prolíficas contribuições da Psicologia Social e parte do princípio de que estabelecer contato é a forma mais eficaz de reduzir as tensões e conflitos entre grupos diferentes. Para que o contato tenha um efeito benéfico, é necessário que algumas premissas estejam presentes: igualdade de *status* entre os grupos na situação específica do contato, objetivos em comum, cooperação entre grupos e supervisão e apoio de autoridades, leis ou costumes (Allport, 1954/1979; Brown, 1950/2010).

Desde a criação da hipótese do contato por Allport (1954/1979), as pesquisas posteriormente realizadas buscam explicar e entender como o contato funciona considerando, principalmente, os aspectos cognitivos e afetivos envolvidos nesse processo (Visintin et al., 2017). Os principais mediadores do contato são a ansiedade entre grupos, ameaças percebidas, empatia e tomada de perspectiva. A ansiedade acontece quando há uma antecipação ou quando efetivamente ocorre o contato com uma pessoa de outro grupo (Hewstone et al., 2014; Stephan, 2014). As ameaças percebidas entre grupos ocorrem de forma coletiva, ou seja, existe a percepção que o outro grupo representa uma ameaça para o grupo ao qual o indivíduo pertence (Hewstone et al., 2014). A empatia, por sua vez, constitui-se em uma condição emocional na qual o indivíduo pode acessar e compreender as emoções e sentimentos da outra pessoa, circunstância que pode promover o contato e reduzir o preconceito. A tomada de perspectiva pode ser definida como a capacidade de um indivíduo de superar a sua própria perspectiva e supor e imaginar a perspectiva e percepção de outra pessoa (Epley & Caruso, 2008). Existem duas formas de tomada de perspectiva. Na tomada de perspectiva-outro (*imagine-other perspective*) o indivíduo imagina a perspectiva de outro indivíduo, como o outro está sentindo e como percebe a sua própria condição. Na

tomada de perspectiva-si mesmo (*imagine self-perspective*) o indivíduo imagina como ele próprio se sentiria e perceberia sua condição se estivesse na condição do outro (Batson, 2009).

A empatia se revela um fator importante que atua na hipótese do contato e na redução do preconceito, uma vez que os aspectos afetivos possuem um papel mais determinante do que aspectos cognitivos nesse processo (Brown & Hewstone, 2005; Pettigrew & Tropp, 2008; Visintin et al., 2017). Assim, pensar e se importar em relação às condições as quais um indivíduo se encontra, circunstâncias presentes na empatia, podem reduzir ou amenizar pensamentos e comportamentos defensivos que caracterizam discriminações entre grupos e indivíduos e favorecer atitudes que privilegiam o bem-estar do outro e a redução do seu sofrimento (Batson et al., 2003; Batson et al., 1997; Galinsky & Moskowitz, 2000; Hodges, 2008; Todd et al., 2011; Voci & Pagotto, 2014; Pagotto, 2010).

## Método

### Participantes

Participaram do experimento deste estudo 40 jovens universitários brancos da faixa etária que inclui pessoas dos 19 aos 24 anos ( $M = 20,9$  anos). Os participantes são provenientes de diversos cursos de graduação de uma universidade privada e uma universidade pública do sul do Brasil. Dos 40 participantes, 23 (57,5%) eram mulheres. As características dos participantes são similares às apresentadas no Experimento 2 do estudo de Todd et al. (2011). Uma vez que o objetivo desse estudo é investigar o preconceito racial de pessoas brancas em relação a pessoas negras, os experimentadores buscaram selecionar participantes brancos. Entretanto, uma vez que a etnia possui um

caráter subjetivo, especialmente no contexto brasileiro e sua extensa miscigenação (Camino et al., 2001; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2015; Sacco et al., 2016), os pesquisadores decidiram adotar a autoatribuição como critério de inclusão final nos resultados da pesquisa. Por essa razão, dois participantes foram posteriormente excluídos das análises. Além disso, um participante foi excluído pois os seus dados não foram integralmente salvos no computador.

### Experimento

O Experimento deste estudo é uma replicação do Experimento 2 presente na pesquisa de Todd et al. (2011). A dupla de experimentadores, formada pelo pesquisador principal (37 anos) e uma aluna de graduação em Psicologia (22 anos) e bolsista de iniciação científica, foi integralmente responsável pela aplicação do experimento em todas as oportunidades. Estudos que apontam que características específicas dos experimentadores podem influenciar os resultados, sobretudo em estudos sobre preconceito racial, nos quais a etnia dos pesquisadores pode se tornar uma variável que participa do estudo (Brown, 1950/2010; McConahay et al., 1981). Nesse sentido, considerando as condições étnicas do contexto brasileiro, caracterizadas pela miscigenação e extensa variação (Camino et al., 2001; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2015; Sacco et al., 2016), é conveniente destacar que ambos os experimentadores se consideram pessoas brancas.

Os participantes foram convidados a participar de uma pesquisa realizada por psicólogos sobre relações interpessoais e percepção. O motivo da escolha desse tópico no convite foi o de não tornar evidente em um primeiro momento os objetivos específicos da pesquisa. Todo o experimento foi realizado com um

computador *notebook* Samsung com monitor de 14 polegadas. Inicialmente, após uma breve descrição sobre as tarefas que deveriam ser realizadas, os participantes receberam a instrução de escolher uma entre oito caixas numeradas, cada uma delas representando uma pessoa em potencial. Essa etapa tinha como objetivo reforçar o caráter aleatório da pessoa selecionada. Entretanto, havia somente uma imagem disponível para todos os participantes. A única imagem disponível retratava, em preto e branco, um homem negro e jovem. O jovem do retrato usava um boné e apresentava uma expressão facial de leve tristeza, assim como traços de ascendência africana bastante evidentes. Além disso, pode-se dizer que o preto e branco da fotografia traz uma certa neutralidade para a imagem. Ao visualizarem o jovem, os participantes receberam a instrução de escrever um breve ensaio (cerca de cinco minutos) sobre um dia na vida dessa pessoa. Metade dos participantes (20) recebeu a instrução baseada no conceito de tomada de perspectiva-outro constituindo, assim, o grupo experimental. A orientação que os participantes receberam nessa condição foi: “Nesse momento, gostaríamos que você escrevesse sobre um dia na vida do indivíduo da fotografia. Ao escrever, gostaríamos que você adotasse a perspectiva da pessoa. Em sua mente, imagine e visualize claramente e vividamente o que ele ou ela pode estar pensando, sentindo e vivenciando enquanto transcorre o seu dia. Por favor, utilize cerca de cinco minutos para escrever o ensaio”. A outra metade dos participantes (20), constituiu a condição de controle e receberam uma instrução mais neutra: “Nesse momento, gostaríamos que você escrevesse sobre um dia na vida do indivíduo da fotografia. Ao escrever, pedimos que você adote uma perspectiva imparcial. Em outras palavras, não se preocupe com o que a pessoa possa estar pensando e sentindo, apenas escreva como se você fosse um observador casual. Por favor, utilize

cerca de cinco minutos para escrever o ensaio”. Os participantes foram incluídos em uma das condições de maneira aleatória, ou seja, alternada. Depois da elaboração do ensaio, todos os participantes responderam o TAI (Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998; Olson & Fazio, 2004) em sua versão para o computador. Após responderem o TAI, os participantes responderam questões simples sobre: curso de graduação, idade, gênero, etnia e comentários sobre a sua participação no experimento. Por último, os participantes tiveram a oportunidade de ler um pequeno texto explicativo sobre os objetivos e aspectos teóricos e científicos envolvidos no estudo (Todd et al., 2011).

### ***Procedimentos para coleta de dados***

Os participantes escreveram o ensaio e responderam o TAI personalizado (Olson & Fazio, 2004) presencialmente em um computador *notebook*. Os programas utilizados no experimento foram o MediaLab e o DirectRT. O MediaLab é um programa de computador que permite uma grande variedade de experimentos psicológicos que podem ser criados pelos pesquisadores. O DirectRT é um programa de computador que pode atuar em conjunto com o MediaLab. A principal função do DirectRT é contabilizar em milissegundos as respostas (latências) provenientes do TAI. Esses programas de computador foram os mesmos utilizados no estudo de Todd et al. (2011).

### ***Procedimentos éticos***

O estudo foi aprovado pelo [OCULTADO] e atendeu às Diretrizes e Normas Regulamentadoras envolvendo pesquisa com seres humanos previstas na Resolução n° 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (2012) e na Resolução n° 016/2000 do Conselho

Federal de Psicologia (2000). Antes de iniciar o experimento, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## Instrumento

### *Teste de Associação Implícita (TAI)*

As possibilidades de mensuração do preconceito se dividem, em linhas gerais, em duas modalidades diferentes: medidas explícitas (papel e caneta, autorelato) e medidas implícitas (baseadas em diferentes tempos de resposta relativas à tomada de decisão e preferência, como o TAI). Em razão das transformações e mudanças que caracterizam o preconceito em termos históricos, novas abordagens que visam a sua investigação foram criadas uma vez que, por razões culturais, legais e sociais tornou-se menos comum e aceitável a manifestação clara e direta do preconceito (Brown, 1950/2010; Devine et al., 2003; Voci & Pagotto, 2014). No sentido de adaptar-se a essas circunstâncias e utilizar medidas que sejam sensíveis às mudanças na expressão do preconceito caracterizadas pela sutileza, motivações involuntárias ou não conscientes e preferências menos perceptíveis, foram desenvolvidas formas implícitas de abordar o preconceito (Brown, 1950/2010). O Teste de Associação Implícita (Greenwald et al., 1998), conhecido como TAI ou IAT (*Implicit Association Test*) é um importante instrumento que utiliza medidas implícitas para medir o preconceito.

O TAI é uma medida baseada no tempo de reação em tarefas de categorização. O princípio presente no TAI é de que deve ser mais fácil e, conseqüentemente, mais rápido, associar dois elementos que já possuam relação previamente construída na percepção do respondente. O TAI requer a classificação

de estímulos (imagens) em relação a quatro conceitos diferentes, mas com apenas duas possibilidades de resposta, sendo que cada uma delas é composta por um par diferente de conceitos. O princípio do TAI é de que a classificação (medida pelo tempo da resposta ou latência) será mais fácil e mais rápida quando os dois conceitos que formam o par estão mais fortemente associados do que quando apresentam menos força na sua associação (Greenwald et al., 2003). No experimento apresentado nesse estudo foi utilizado o TAI de preconceito racial na versão personalizada desenvolvida por Olson e Fazio (2004) que contém sete blocos de respostas. Para obter todas as especificações do TAI usado nesse estudo para fins de estudo ou replicação, os autores se colocam à disposição para fornecer as informações necessárias que, por razões de espaço, não foram incluídas no presente artigo.

## Análise dos dados

### *TAI e o algoritmo D*

Os escores do Teste de Associação Implícita foram computados usando o algoritmo *D* desenvolvido por Greenwald et al. (2003). Considerando a ordem dos blocos que foi utilizada no TAI no presente estudo, escores do algoritmo . mais elevados refletem uma preferência de pessoas brancas em relação a pessoas negras (viés favorável a pessoas brancas) (Greenwald et al., 2003; Greenwald, Nosek, & Sriram, 2006; Todd et al., 2011).

### *Ensaios*

Os ensaios elaborados pelos participantes dos dois grupos (controle e experimental) foram analisados pela técnica de mineração de texto (*text mining*) e técnicas de processamento de linguagem natural (*natural*

*language processing*), por meio do programa de computador R. As técnicas utilizadas envolveram a inspeção gráfica do texto, geração de representações visuais da proporção entre palavras (*word cloud*), redes de associações de palavras (correlação não paramétrica), análise semântica latente e classificadores não supervisionados. O principal objetivo dessas formas de análise dos dados consiste em descobrir e descrever similaridades e diferenças de linguagem entre os participantes e grupos que compuseram a pesquisa. Antes de serem analisados, os ensaios foram processados. Os erros de digitação simples foram corrigidos manualmente. Acentos, pontuações e palavras com menos de três letras foram desconsideradas. Nesse artigo, utilizamos um vocabulário aberto para analisar os dados e não criamos categorias ou escolhemos palavras *a priori* que guiassem a análise. Nesse sentido, foi a própria exploração dos dados que posteriormente ocasionou a criação de categorias e *clusters*. Entretanto, quando se analisa a linguagem, faz-se necessário limitar a sua interpretação ao contexto no qual essa encontra-se inserida e, conseqüentemente, não generalizar para outras circunstâncias ou condições. É importante ressaltar que, quanto menor a quantidade de dados (palavras), menor será a possibilidade de que sejam encontradas diferenças significativas entre os participantes ou grupos que as utilizaram. A elaboração de nuvens de palavras tem como objetivo demonstrar os principais resultados de maneira intuitiva e rápida. Nas nuvens de palavras, quanto maior o tamanho da palavra, maior é a sua frequência. Na rede de palavras, linhas azuis traduzem a maior presença de associação entre as palavras, enquanto que linhas vermelhas representam menor associação de palavras (Schwartz et al., 2013).

As respostas dos participantes foram transcritas e alocadas em unidades

de análises (documentos) independentes. Análises descritivas de frequência indicaram que alguns termos (palavras) poderiam ser excluídos por sua alta ocorrência, sem a perda de significado. Os termos restantes foram analisados em termos de ocorrência e foram produzidas nuvens de palavras (*word clouds*) para cada um dos grupos (experimental e controle). Posteriormente, foram produzidas matrizes de termos e documentos, nas quais as linhas representavam os participantes e as colunas referiam-se às palavras que ocorreram nas respostas. Desta forma foi possível calcular a correlação (não paramétrica, rho de Spearman) entre os termos com a finalidade de identificar núcleos de sentido. As co-ocorrências foram representadas em grafos de rede, na qual o vértice representa os termos e as arestas a direção e força da associação. Em seguida, foi invertida a matriz de termos e documentos, com a finalidade de classificar os respondentes. Por meio de uma análise semântica latente, as associações entre termos e entre documentos foram representadas em um espaço vetorial. A partir dessa informação, foi calculada uma matriz de distâncias euclidianas entre os participantes, e esta matriz foi submetida a uma análise de agrupamentos (*clusters*) não supervisionada. A partir deste método foram identificados agrupamentos semânticos de acordo com o padrão de respostas (Bletzer, 2015; Cidell, 2010; Steyvers & Griffiths, 2007; Wolfe & Goldman, 2003).

## Resultados e Discussão

Ao realizar o experimento, verificamos que a hipótese de que os participantes na condição experimental (tomada de perspectiva) apresentariam um viés de preferência por brancos significativamente menor do que aquele apresentado pelos participantes na condição controle não se confirmou. Uma vez que escores do algoritmo



*D* mais elevados refletem um viés ou preferência por pessoas brancas em relação a pessoas negras (considerando a ordem dos blocos do TAI que utilizamos no experimento) observamos que em termos descritivos a média dos participantes na condição experimental ( $M = 0,11$ ,  $DP = 0,41$ ) foi maior do que a média apresentada pelos participantes na condição controle ( $M = -0,09$ ,  $DP = 0,44$ ). Entretanto, a diferença entre os grupos não é significativa:  $t(38) = -1,57$ ,  $p = 0,12$ ,  $d = -0,21$ . O escore médio do algoritmo *D* para todos os participantes, em ambas as condições (experimental e controle), demonstram um efeito do TAI bastante próximo de zero ( $M = 0,01$ ,  $DP = 0,44$ ) ou seja, refletem uma ausência de viés de preferência por brancos ou negros.

A análise qualitativa dos ensaios utilizando o programa R originou quatro figuras principais. A Figura 1 mostra a nuvem de palavras considerando todos os participantes. A Figura 2 retrata a nuvem de palavras do grupo experimental, enquanto que a Figura 3 refere-se ao grupo controle. A Figura 4 reflete a rede de palavras do grupo experimental e a Figura 5 mostra a rede de palavras do grupo controle. Para facilitar a visualização e compreensão, as figuras estão colocadas na Discussão.

### **Experimento e TAI**

Considerando os resultados do experimento referentes ao TAI, é importante destacar que não foi encontrado um resultado similar ao descritos no experimento original de Todd et al. (2011), no qual grupo experimental (tomada de perspectiva-outro) ( $M = 0,01$ ,  $SD = 0,52$ ) apresentou um viés de preferência por brancos em relação a negros menor do que o apresentado pelo grupo controle ( $M = 0,49$ ,  $SD = 0,70$ ),  $t(36) = 2,39$ ,  $p = ,02$ ,  $d = 0,78$ ). Ou seja, no experimento apresentado nesse artigo, a hipótese inicial de que o grupo experimental

(tomada de perspectiva-outro) apresentaria um viés de preferência por brancos menor do que aquele apresentado pelo grupo controle não se confirmou. Além disso, ao analisar os resultados do experimento, destaca-se a proximidade de zero que foi apresentada pelo escore final do TAI ( $M = 0,01$ ,  $DP = 0,44$ ), ou seja, a ausência de um efeito (ausência de viés de preferência por uma das categorias).

Algumas observações podem ser feitas sobre a ausência de um efeito do TAI (ausência de viés de preferência por uma das categorias). Esse resultado pode refletir níveis baixos de racismo implícito, ou até mesmo a sua inexistência, e pode ser explicado, pelo menos parcialmente, pelas características dos participantes da pesquisa. Por se tratar de uma amostra jovem ( $M = 20,9$  anos) e universitária, é razoável supor que essas condições sociodemográficas possam ter apresentado uma influência significativa. Nesse sentido, esse resultado sugere que os jovens universitários brancos compõem um grupo etário e social que apresenta níveis baixos de preconceito e racismo, o que pode ser parcialmente explicado pela preocupação e discussão crescente em relação a esse tema no contexto brasileiro (Sacco et al., 2016; Schucman, 2010). ), investimento e ações de governo em políticas de promoção da igualdade, acesso à educação superior (Modesto et al., 2017) e fortalecimento da identidade de grupos sociais que inclui afrodescendentes e indígenas (Costa et al., 2017). Nesse sentido, é importante ressaltar que diversos fatores psicológicos, sociais e políticos têm influência sobre os fenômenos relacionados ao preconceito e ao racismo (Brown 1950/2010; Camino et al., 2001; Devine et al., 2003). E, ainda, destacar que é positivo concluir que universitários manifestem pouco ou nenhum preconceito racial e discriminação, circunstância que sugere que refletem sobre esse tema.

Sobre a ausência de diferença significativa entre os participantes na condição experimental (tomada de perspectiva) e controle, é importante fazer uma ponderação. Destaca-se a proximidade de zero quando são considerados todos os participantes ( $M = 0,01$ ), e os resultados do grupo experimental ( $M = 0,11$ ) e do grupo controle ( $M = -0,09$ ). Esses resultados caracterizam a homogeneidade nos resultados dos grupos. A ausência de efeito do TAI (ausência de preferência por brancos ou negros) pode ter sido influenciada por dois fatores, ainda que de maneira desigual e que o presente experimento não encontrou os meios de delimitar. Um deles seria a própria ausência ou níveis baixos de racismo implícito por parte dos participantes, circunstância que não permitiria a diferença entre os grupos, uma vez que os participantes, em termos médios, estariam a priori próximos da ausência de viés ou preferência. O outro fator seria a própria configuração do experimento. É possível que a distinção das duas instruções quanto à elaboração do ensaio sobre um dia na vida do jovem retratado na fotografia não tenha apresentado a força necessária para promover uma efetiva diferença de condição entre os participantes. Ou seja, todos teriam partido de um ponto bastante similar. Entretanto, como será abordado a seguir, a análise dos ensaios realizados pelos participantes evidencia que o grupo experimental apresentou textos mais detalhados e aprofundados que o grupo controle, circunstância que demonstra uma efetiva diferença de condição entre os grupos.

O resultado do TAI próximo do zero permite outra forma de interpretação. A hipótese inicial do estudo, que sustentava que o grupo experimental (tomada de perspectiva-outro) apresentaria uma preferência menor por pessoas brancas em comparação ao grupo controle (Todd et al., 2011), não se confirmou. Como foi dito anteriormente, é possível que a distinção nas instruções dadas aos dois grupos não tenha sido suficiente para constituir uma

diferença que causasse um efeito no TAI. No entanto, essa ponderação não exclui o fato de que, pertencendo a um grupo ou outro, todos os participantes realizaram um exercício de empatia e tomada de perspectiva (Batson et al., 2003; Batson et al., 1997; Brown, 1950/2010; Galinsky & Moskowitz, 2000; Hodges, 2008; Pettigrew & Tropp, 2006; Todd et al., 2011). Nesse sentido, é possível que, desconsiderando a separação entre os grupos experimental e controle, o exercício de empatia e tomada de perspectiva, seja intenso ou objetivo, tenha causado um efeito benéfico sobre o preconceito racial implícito, no sentido de diminuir o mesmo (Pettigrew & Tropp, 2006; Voci & Pagotto, 2014; Todd et al., 2011).

Considerando a revisão sistemática de Sacco et al. (2016), existe apenas um estudo sobre preconceito racial e que utilizou medidas implícitas no contexto da Psicologia brasileira. A pesquisa de Lima et al. (2006), realizada com universitários, teve como objetivo principal investigar o preconceito racial em três contextos distintos: meritocrático, igualitário e neutro. Entre outras conclusões, este estudo afirma que os participantes, independentemente do contexto, apresentaram preconceito racial implícito. Como foi exposto anteriormente, a análise dos resultados do experimento presente no estudo apresentado nesse artigo aponta um resultado diferente, a saber, a ausência de preconceito racial implícito. Entretanto, é importante ressaltar que as únicas semelhanças entre os estudos são o uso de medidas implícitas e o fato de que os participantes são universitários. De resto, as condições experimentais são totalmente distintas.

### **Ensaio**

Observando os ensaios provenientes do experimento pode-se perceber a ausência ou

escassez de estereótipos (Brown, 1950/2010; Voci & Pagotto, 2014) significativamente negativos. A escrita do ensaio, que passa pela consciência e controle, produziu textos que permitem inferir que os participantes não apresentam racismo implícito ou, ao menos, não quiseram ser reconhecidos desta forma, uma vez que não revelaram conteúdos racistas conscientes e explícitos, caracterizados pela inferiorização e rejeição de pessoas negras (Camino et al., 2001) e por estereótipos específicos como preguiça, agressividade e alegria (Lima & Vala, 2004). No contexto norte-americano, os principais estereótipos que caracterizam o preconceito racial explícito e consciente incluem os adjetivos supersticioso, preguiçoso, ignorante, estúpido, fisicamente sujo e não confiável (Brown, 1950/2010) ou associam pessoas negras ao crime e à pobreza (Dovidio et al., 2010). Novamente, não foram encontrados nos ensaios elaborados pelos participantes quaisquer relações como esses termos. Entretanto, outros estereótipos emergem de maneira significativa. Considerando os ensaios de todos os participantes em conjunto (veja a figura 1), é possível perceber a frequência elevada de palavras que caracterizam uma rotina bastante simples e previsível (em ordem decrescente de frequência): casa, vida, chegar ou chega, manhã, família, jovem, trabalho, amigos, ônibus, pessoa, mãe, volta, situação, pensando, faculdade, acorda, cansado, rotina.



Figura 1. Nuvem de palavras de todos os participantes.

Analisando a nuvem de palavras, observa-se que os participantes projetaram no indivíduo retratado na fotografia aspectos da vida de um estudante de graduação de uma faculdade. Nesse sentido, é razoável supor que os participantes, todos estudantes universitários, atribuíram aspectos da sua própria rotina ao homem jovem e negro, o que sugere familiaridade e proximidade.

Ao comparar a nuvem de palavras do grupo experimental (veja a figura 2), e a nuvem do grupo controle (veja a figura 3), é possível perceber que a primeira apresenta maior variação quanto à frequências de palavras. Esse dado demonstra maior complexidade (ou seja, mais palavras diferentes foram usadas por diferentes participantes) dos ensaios dos participantes do grupo experimental. Entre essas palavras se destacam, em ordem decrescente: casa, vida, pensando, situação, família, trabalho ou trabalhar, jovem, manhã e ônibus. O resultado apresentado pelo grupo experimental denota um exercício de empatia mais intenso e detalhado. Por outro lado, no grupo controle, em que os ensaios foram mais simples, as palavras que se destacam, em ordem decrescente, são: casa, chega ou chegar, manhã, vida, faculdade e amigos.



Figura 2. Nuvem de palavras do grupo experimental



Figura 3. Nuvem de palavras do grupo controle

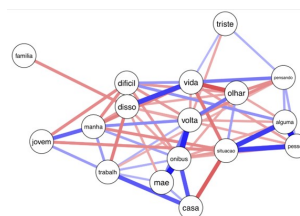


Figura 4. Rede de palavras do grupo experimental

Em relação à rede de palavras dos grupos experimental (veja a figura 4) e controle (veja a figura 5), algumas diferenças importantes se fazem presentes. No grupo experimental, em que havia uma instrução mais intensa em relação à tomada de perspectiva, os ensaios se apresentaram de maneira mais heterogênea. Pode-se observar uma presença maior de linhas vermelhas em comparação à nuvem de palavras do grupo controle. Isso significa que nos ensaios do grupo experimental existe menor associação entre as palavras. No grupo controle, as linhas azuis são predominantes, o que caracteriza uma associação mais forte entre as palavras. Nesse sentido, é possível afirmar que no grupo controle os relatos são mais homogêneos. Esse resultado está de acordo com o exercício de tomada de perspectiva proposto pelo experimento, uma vez que o grupo que foi instruído a empatizar de forma mais intensa (experimental) produziu relatos mais específicos, subjetivos e detalhados, enquanto que o grupo que recebeu a instrução mais objetiva (controle) apresentou ensaios mais simples, objetivos, gerais e, portanto, similares.

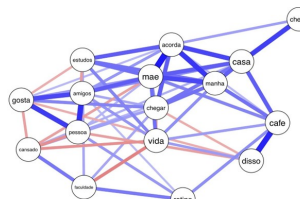


Figura 5. Rede de palavras do grupo controle

Além da diferença em relação à complexidade dos ensaios, existe outra diferença fundamental entre as nuvens e as redes de palavras dos dois grupos que compuseram o experimento. A maior riqueza apresentada pelo exercício de tomada de perspectiva do grupo experimental é caracterizada, em comparação ao grupo controle, por uma presença mais significativa de elementos negativos ou dificuldades. O grupo controle, por sua vez apresentou ensaios que retratam uma rotina mais concreta e com menos aspectos subjetivos. Para ilustrar essa diferença, é interessante analisar um relato que pode ser considerado típico de cada grupo, considerando essa especificidade. No ensaio a ser apresentado a seguir, de um participante do grupo experimental, é possível observar alguns dos elementos mais presentes nesse grupo:

*Essa pessoa, ao meu ver, apresenta um semblante pensativo e de preocupação, como se estivesse em dúvidas ou até sem saber como agir em determinada situação. O que me veio a mente é que possivelmente ele estivesse com algum problema familiar como alguma doença*

*na família e estivesse se sentindo sem ação ou sem nenhum poder sobre essa situação.*

No próximo ensaio, pode-se reconhecer alguns dos conteúdos mais presentes no grupo controle:

*Caminhando rápido, atrasado para o trabalho e sem ver muito o que estava a sua volta. Nesse dia como em todos os outros seguia a mesma rotina de acordar antes do sol aparecer, tomar um café e pegar o transporte para ir ganhar seu dinheiro. Depois disso ele foi para a faculdade, de noite no seu único horário disponível, cansado ele chega em casa e dorme esperando mais um dia começar.*

Em relação aos aspectos predominantes nos ensaios de cada grupo - experimental, mais específico e com reflexões subjetivas, e controle, mais concreto e baseado na rotina e cotidiano - há uma interessante intersecção a ser realizada levando-se em consideração os resultados do TAI. Como foi colocado anteriormente, esperava-se que o grupo experimental apresentasse níveis mais baixos de racismo implícito (Todd et al., 2011), hipótese que não se confirmou no estudo apresentado nesse artigo. A falta de diferença significativa pode ser explicada pelas características específicas dos participantes do experimento, jovens e universitários e uma possível inclinação igualitária e desfavorável ao preconceito racial ou, ao menos, uma motivação, por parte dos participantes, de não serem reconhecidos como preconceituosos ou racistas, elemento característico do preconceito implícito (Brown, 1950/2010; Devine et al., 2003; Pearson et al., 2009; Voci & Pagotto, 2014). Entretanto, um fator inerente ao próprio experimento pode ter influenciado a relação entre o exercício de tomada de perspectiva e o resultado do TAI. Existe a possibilidade de que a instrução fornecida ao grupo experimental tenha potencializado a ansiedade em relação ao contato, uma vez que a elaboração

de um ensaio mais detalhado pressupõe a necessidade de que o participante se envolva cognitivamente e afetivamente com a tarefa de maneira mais introspectiva e reflexiva. Nesse sentido, um importante elemento a ser considerado é a relação entre contato e ansiedade (Hewstone et al., 2014; Stephan, 2014). Para Batson e Ahmad (2009), um importante fator a ser considerado sobre os limites da empatia enquanto emoção capaz de reduzir o preconceito reside nos efeitos desagradáveis que essa pode provocar no indivíduo que a vivencia. Sentir empatia por uma pessoa em dificuldade pode gerar ansiedade e mal estar e ocasionar comportamentos defensivos e de afastamento físico ou psicológico. Esse efeito negativo pode, ao contrário do esperado, tornar o preconceito e os estereótipos ainda mais atuantes. A empatia e a tomada de perspectiva pressupõem uma aproximação, não necessariamente física e sim psicológica, que inclui a disponibilidade em ouvir, observar e prestar atenção em outras pessoas e na condição em que se encontram (Batson & Ahmad, 2009). Para que o contato tenha como efeito a diminuição do preconceito de forma generalizada e não apenas singular, é necessário que o indivíduo com o qual se estabelece o contato apresente claramente as características ou traços de pertencimento que o remetam ao seu grupo social. Entretanto, se essas características forem excessivas, pode ocorrer um aumento da ansiedade e tensão, circunstância que pode aumentar o preconceito. Em situações relativamente tensas ou provocadoras de ansiedade, faz-se necessário apresentar as características do indivíduo que o remetem ao seu pertencimento ao grupo social específico, de maneira gradual (Brown & Hewstone, 2005). De acordo com Hewstone et al. (2014), existem evidências de que, quando o contato estabelecido suscita ansiedade, ocorre uma maior percepção da característica que remete o indivíduo ao seu grupo específico

e que compõe a sua identidade percebida (Paolini, Harwood, & Rubin, 2010), o que pode ocasionar uma generalização negativa do contato para o grupo como um todo (Brown & Hewstone, 2005). A partir dessa ponderação teórica, é razoável supor que os eventuais efeitos benéficos do contato tenham sido atenuados pela ansiedade, sobretudo no grupo experimental, que realizou a tomada de perspectiva de forma mais intensa.

Como foi dito anteriormente, é importante ressaltar que nenhum dos ensaios presentes nessa pesquisa apresentou elementos que poderiam ser classificados como racistas. Essa observação reforça a relevância do conceito de racismo aversivo (Pearson et al., 2009) e racismo moderno (McConahay, 1986; McConahay et al., 1981) e a necessidade dos participantes em não serem pessoas racistas segundo seu próprio julgamento ou percepção dos outros. Os participantes, em sua maioria, ao finalizarem o experimento relataram, espontaneamente, que eles haviam tentado não apresentar preconceito ao responderem o TAI e durante a elaboração do ensaio. Em relação a esse aspecto, é importante ressaltar que existe atualmente no contexto brasileiro uma discussão sobre temas relacionados ao preconceito, discriminação e intolerância (Sacco *et al.*, 2016; Schucman, 2010). O caráter latente dessa temática tão presente no cenário social pode contribuir com a elevação da tensão e desconforto dos participantes. Esse fator torna-se ainda mais sensível considerando-se as características do preconceito racial implícito, no qual há, de maneira inerente, um conflito interno por parte do indivíduo no sentido de que suas respostas e reações sejam coerentes com a desejabilidade social e com o que o próprio indivíduo acredita ser o mais correto e adequado (Devine *et al.*, 2003; Lima & Vala, 2004; Pearson, *et al.*, 2009; Plant & Devine, 1998). Entretanto, medidas implícitas, como o TAI, buscam investigar estas

percepções e estados latentes/subjacentes (Brown, 1950/2010). Dessa forma, ao mesmo tempo em que há uma confrontação entre processos não conscientes e regras sociais, existe uma descoberta do próprio participante em relação a si mesmo, circunstâncias que caracterizam um evento psicológico que pode ser realmente significativo.

A diversidade, ou seja, a convivência entre pessoas de diferentes etnias, gêneros e culturas, entre outras diferenças individuais ou coletivas, pode proporcionar benefícios para países, comunidades e organizações (Galinsky et al., 2015; Herring, 2009). Grupos que apresentam diversidade em sua composição tendem a apresentar uma variedade maior de perspectivas sobre eventos sociais e culturais. Além disso, integrantes de grupos que contemplam a diversidade processam informações de forma mais aprofundada e detalhada (Apfelbaum, Philips, & Richeson, 2014; Galinsky et al., 2015).

Ao mesmo tempo em que a sociedade evolui no sentido da liberdade de expressão e da convivência com as diferenças, observa-se a presença do preconceito nas relações sociais. Porém, é possível que, na maioria dos contextos, os indivíduos pensem e digam que não possuem nenhum tipo preconceito, uma vez que conhecem normas morais, sociais e legais. Considerando a complexidade desse fenômeno, estratégias para acessar e investigar o preconceito implícito são fundamentais. Além disso, futuros estudos podem utilizar os resultados e conclusões apresentados nessa pesquisa como base para a criação de intervenções que favoreçam a empatia e a tomada de perspectiva, de modo a possibilitar aos indivíduos reflexões sobre o preconceito e racismo. Pesquisas sobre preconceito e convivência com as diferenças se revelam vitais para a construção de uma sociedade desenvolvida e saudável.

## Referencias

- Allport, G. W. (1954/1979). *The nature of prejudice*. Reading: Addison-Wesley.
- Apfelbaum, E. P., Phillips, K. W., & Richeson, J. A. (2014). Rethinking the baseline in diversity research: should we be explaining the effects of homogeneity? *Perspectives on Psychological Science*, 9(3), 235- 244. <https://doi.org/10.1177/1745691614527466>
- Batson, C. D. (2009). Two forms of perspective: imagining how another feels and imagining how you would feel. In K. Markman, W. Klein, & J. Suhr (Eds.), *Handbook of imagination and mental simulation* (pp. 267-279). New York, NY: Psychology Press. doi: <https://doi.org/10.4324/9780203809846.ch18>
- Batson, C. D., & Ahmad, N. Y. (2009). Using empathy to improve intergroup attitudes and relations. *Social Issues and Policy Review*, 3(1), 141-177. <https://doi.org/10.1111/j.1751-2409.2009.01013.x>
- Batson, C. D., Lishner, D. A., Carpenter, A., Dulin, L., Harjusola-Webb, S., Stocks, E. L., et al. (2003). "... As you would have them do unto you": does imagining yourself in the other's place stimulate moral action? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29(9), 1190-1201. <https://doi.org/10.1177/0146167203254600>
- Batson, C. D., Polycarpou, M. P., Harmon-Jones, E., Imhoff, H. J., Mitchener, E. C., Bednar, et al. (1997). Empathy and attitudes: can feeling for a member of a stigmatized group improve feelings toward the group? *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(1), 105-118. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.72.1.105>
- Bletzer, K. V. (2015). Visualizing the qualitative: making sense of written comments from an evaluative satisfaction survey. *Journal of Educational Evaluation for Health Professions*, 12(12). <https://doi.org/10.3352/jeehp.2015.12.12>
- Brasil, 2015. Secretaria Geral da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude, Ministério da Justiça e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. *Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial 2014*. Brasília. Recuperado de <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002329/232972POR.pdf>
- Brown, R. (1950/2010). *Prejudice: its social psychology*. Chichester: Wiley-Blackwell
- Brown, R., & Hewstone, M. (2005). An integrative theory of intergroup contact. *Advances in Experimental Social Psychology*, 37, 255-343. [https://doi.org/10.1016/s0065-2601\(05\)37005-5](https://doi.org/10.1016/s0065-2601(05)37005-5)
- Burke, S. E., Dovidio, J. F., Przedworski, J. M., Hardeman, R. R., Perry, S. P., Phelan, S. M., et al. (2015). Do contact and empathy mitigate bias against gay and lesbian people among heterosexual medical students? A report from Medical Student CHANGE Study. *Academic Medicine: Journal of the Association of American Medical Colleges*, 90(5), 645-651. <https://doi.org/10.1097/acm.0000000000000661>
- Camino, L., Silva, P. D., Machado, A., & Pereira, C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil: uma análise psicossociológica. *Revista de Psicologia Política*, 1(1), 13-36.
- Cidell, J. (2010). Content clouds as exploratory qualitative data analysis. *Area*, 42(4), 514-523. <https://doi.org/10.1111/j.1475-4762.2010.00952.x>
- Costa, A., Pasley, A., Machado, W. D. L., Alvarado, E., Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2017). The experience of sexual stigma and the increased risk of attempted suicide in young Brazilian people from low socioeconomic group.

- Frontiers in Psychology*, 8, 192. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00192>
- Desouza, D., Rodríguez, S., & Antoni, C. (2014). Relacionamentos de amizade, grupos de pares e tribos urbanas na adolescência. In L. F. Habigzang, E. Diniz, & S. Koller (Orgs.), *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica* (pp. 118-131). Porto Alegre: Artmed.
- Devine, P. G., Plant, E. A., & Blair, I. V. (2003). Classic and contemporary analyses of racial prejudice. In R. Brown & S. Gaertner (Eds.), *Blackwell handbook of social psychology: intergroup processes* (pp. 198-217). Oxford: Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9780470693421.ch10>
- Dovidio, J. F., & Gaertner, S. L. (2004). Aversive racism. In M.P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (pp. 1-52). San Diego: Academic Press. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(04\)36001-6](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(04)36001-6)
- Dovidio, J. F., Glick, P., & Rudman, L. A. (2005). Introduction: reflecting on the nature of prejudice: fifty years after Allport. In J. F. Dovidio, P. Glick, & L. A. Rudman (Eds.), *On the nature of prejudice: fifty years after Allport*. (pp. 1-15). Malden: Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9780470773963.ch1>
- Dovidio, J. F., Johnson, J. D., Gaertner, S. L., Pearson, A. R., Saguy, T., & Ashburn-Nardo, L. (2010). Empathy and intergroup relations. In M. Mikulincer, & P.H. Shaver (Eds.), *Prosocial motives, emotions, and behavior: the better angels of our nature* (pp. 393-408). Washington: American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/12061-020>
- Epley, N., & Caruso, E. M. (2008). Perspective Taking: Misstepping Into Others' Shoes. In K. D. Markman, W. M. P. Klein, & J. Suhr (Eds.), *Handbook of imagination and mental simulation* (pp. 295-311). Nova Iorque: Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9780203809846.ch20>
- Galinsky, A. D., & Moskowitz, G. B. (2000). Perspective-taking: decreasing stereotype expression, stereotype accessibility, and in-group favoritism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(4), 708-724. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.78.4.708>
- Galinsky, A. D., Todd, A. R., Homan, A. C., Phillips, K. W., Apfelbaum, E. P., Sasaki et al. (2015). Maximizing the gains and minimizing the pains of diversity: a policy perspective. *Perspectives on Psychological Science*, 10(6), 742-748. <https://doi.org/10.1177/1745691615598513>
- Greenwald, A.G., McGhee, D.E., Schwartz, J.L.K. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: the implicit association test. *Journal of Personality and Social Psychology* 74(6), 1464-1480. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.74.6.1464>
- Greenwald, A. G., Nosek, B. A., & Banaji, M. R. (2003). Understanding and using the implicit association test: an improved scoring algorithm. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 197. <https://doi.org/10.1037/h0087889>
- Greenwald, A.G., Nosek, B.A. & Sriram, N. (2006). Consequential validity of the Implicit Association Test: comment on Blanton and Jaccard (2006). *American Psychologist*, 61(1), 56-61. <https://doi.org/10.1037/0003-066x.61.1.56>
- Herring, C. (2009). Does diversity pay?: Race, gender, and the business case for diversity. *American Sociological Review*, 74(2), 208-224. <https://doi.org/10.1177/000312240907400203>
- Hewstone, M., Lollot, S., Swart, H., Myers, E., Voci, A., Al Ramiah, A., et al. (2014). Intergroup contact and intergroup conflict. *Peace and Conflict: Journal of*



- Peace Psychology*, 20(1), 39-53. <https://doi.org/10.1037/a0035582>
- Henry, P. J. (2010). Modern racism. In J. Levine & M. Hogg (Eds.), *The encyclopedia of group processes and intergroup relations*. Thousand Oaks: Sage Publications. Recuperado de <https://nyuad.nyu.edu/content/dam/nyuad/departments/faculty/pj-henry/documents/publications/2010Henry-encyclopedia-modern-racism.pdf>
- Hodges, S. D. (2008). Perspective-taking. In W. A. Darity (Ed.), *International encyclopedia of the social sciences* (pp. 226-227). Farmington Hills: Macmillan Reference.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2015). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2013*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Recuperado de <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>
- Kinder, D. R., & Sears, D. O. (1981). Prejudice and politics: symbolic racism versus racial threats to the good life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40(3), 414. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.40.3.414>
- Lima, M. E. O., Machado, C., Ávila, J., Lima, C., & Vala, J. (2006). Normas sociais e preconceito: o impacto da igualdade e da competição no preconceito automático contra os negros. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 309-319. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722006000200018>
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia* 9(3), 401-411. <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2004000300002>
- McConahay, J.B. (1986). Modern racism, ambivalence, and the modern racism scale. In Dovidio, J.F. & Gaertner (Eds.), *Prejudice, discrimination and racism* (pp. 91-125). San Diego: Academic.
- McConahay, J. B., Hardee, B. B., & Batts, V. (1981). Has racism declined in America? It depends on who is asking and what is asked. *Journal of Conflict Resolution*, 25(4), 563-579. <https://doi.org/10.1177/002200278102500401>
- Modesto, J. G., Minelli, A. C., Fernandes, M. P., Rodrigues, M., Bufolo, R., Bitencourt, R., et al. (2017). Racismo e políticas afirmativas: evidências do Modelo da Discriminação Justificada. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-8. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3353>
- Oh, S. Y., Bailenson, J., Weisz, E., & Zaki, J. (2016). Virtually old: embodied perspective taking and the reduction of ageism under threat. *Computers in Human Behavior*, 60, 398-410. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.02.007>
- Olson, M. A., & Fazio, R. H. (2004). Reducing the influence of extrapersonal associations on the Implicit Association Test: personalizing the IAT. *Journal of Personality and Social Psychology*, 86(5), 653-667. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.86.5.653>
- Pagotto, L. (2010). *The interplay of empathy, oneness and perceived similarity in mediating the effects of perspective taking on prosocial responses*. (Tese de doutoramento não publicada). Università degli studi di Padova, Itália.
- Paolini, S., Harwood, J., & Rubin, M. (2010). Negative intergroup contact makes group memberships salient: explaining why intergroup conflict endures. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 36(12), 1723- 1738. <https://doi.org/10.1177/0146167210388667>
- Pearson, A. R., Dovidio, J. F., & Gaertner, S. L. (2009). The nature of contemporary prejudice: insights from aversive racism. *Social and Personality Psychology*

- Compass*, 3(3), 314-338. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2009.00183.x>
- Pettigrew, T. F., & Tropp, L. R. (2006). A meta-analytic test of intergroup contact theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90(5), 751-783. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.90.5.751>
- Pettigrew, T. F., & Tropp, L. R. (2008). How does intergroup contact reduce prejudice? Meta-analytic tests of three mediators. *European Journal of Social Psychology*, 38(6), 922-934. <https://doi.org/10.1002/ejsp.504>
- Plant, E. A., & Devine, P. G. (1998). Internal and external motivation to respond without prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(3), 811-832. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.75.3.811>
- Sacco, A., Couto, M. C., & Koller, S. (2016). Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. *Temas em psicologia*, 24(1), 233-250. <https://doi.org/10.9788/tp2016.1-16>
- Shih, M., Wang, E., Trahan Bucher, A., & Stotzer, R. (2009). Perspective taking: reducing prejudice towards general outgroups and specific individuals. *Group Processes & Intergroup Relations*, 12(5), 565-577. <https://doi.org/10.1177/1368430209337463>
- Schucman, L. (2010). Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. *Revista Psicologia Política*, 10(19), 41-55.
- Schwartz, H. A., Eichstaedt, J. C., Kern, M. L., Dziurzynski, L., Ramones, S. M., Agrawal, M., et al. (2013). Personality, gender, and age in the language of social media: the open-vocabulary approach. *PloS one*, 8(9), e73791. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0073791>
- Sears, D. O., & Henry, P. J. (2005). Over thirty years later: A contemporary look at symbolic racism. *Advances in Experimental Social Psychology*, 37, 95-150. [https://doi.org/10.1016/s0065-2601\(05\)37002-x](https://doi.org/10.1016/s0065-2601(05)37002-x)
- (2003). The origins of symbolic racism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 259. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.85.2.259>
- Stephan, W. G. (2014). Intergroup anxiety: theory, research, and practice. *Personality and Social Psychology Review*, 18(3), 239-255. <https://doi.org/10.1177/1088868314530518>
- Steyvers, M., Griffiths, T. (2007). Probabilistic topic models. In T. Landauer, D. McNamara, S. Dennis, & W. Kintsch (Eds.), *Handbook of latent semantic analysis* (pp. 424-440). Hillsdale, New York: Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9780203936399.ch21>
- Todd, A. R., Bodenhausen, G. V., Richeson, J. A., & Galinsky, A. D. (2011). Perspective taking combats automatic expressions of racial bias. *Journal of Personality and Social Psychology*, 100(6), 1027-1042. <https://doi.org/10.1037/a0022308>
- Verzoni, A., & Lisboa, C. (2017). Discussion on prejudice and empathy in children and adolescents in situations of social vulnerability: proposition of interventions. In D. Dell’Aglia & S. Koller (Orgs.). *Vulnerable children and youth in Brazil: innovative approaches from the Psychology of Social Development* (pp. 20-43). Cham: Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-65033-3\\_7](https://doi.org/10.1007/978-3-319-65033-3_7)
- Visintin, E. P., Voci, A., Pagotto, L., & Hewstone, M. (2017). Direct, extended, and mass-mediated contact with immigrants in Italy: their associations with emotions, prejudice, and humanity perceptions. *Journal of Applied Social Psychology*, 47(4), 175-194. <https://doi.org/10.1111/jasp.12423>
- Voci, A., & Pagotto, L. (2014). *Il pregiudizio: che cosa è, come si riduce*. Bari: Laterza.

Wolfe, M. B., & Goldman, S. R. (2003). Use of latent semantic analysis for predicting psychological phenomena: two issues and proposed solutions. *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers*, 35(1), 22-31. <https://doi.org/10.3758/bf03195494>